

## O BRASIL NÃO É PARA PRINCIPIANTES: CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS 20 ANOS DEPOIS

*Por:*

**Maria Ester de Freitas**

*RAE-eletrônica*, v. 2, n. 2, jul-dez/2003.

<http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=2090&Secao=RESENHAS&Volume=2&Numero=2&Ano=2003>

---

©Copyright, 2002, RAE-eletrônica. Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não-comercial. Em caso de dúvidas, consulte a redação: [redacao@rae.com.br](mailto:redacao@rae.com.br).

A RAE-eletrônica é a revista on-line da FGV-EAESP, totalmente aberta e criada com o objetivo de agilizar a veiculação de trabalhos inéditos. Lançada em janeiro de 2002, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site [www.rae.com.br/eletronica](http://www.rae.com.br/eletronica).

---

RAE-eletrônica  
ISSN 1676-5648

©2002 Editora: Fundação Getulio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo.



FUNDAÇÃO  
GETULIO VARGAS



Escola de Administração  
de Empresas de São Paulo

## **O BRASIL NÃO É PARA PRINCIPIANTES: CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS 20 ANOS DEPOIS**

*Por*

**Maria Ester de Freitas**

Professora adjunta e doutora em Administração de Empresas pela FGV –EAESP.

**E-mail:** mfreitas@fgvsp.br

### **O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis 20 anos depois**

De Laura Graziela Gomes, Livia Barbosa e José Augusto Drummond (orgs).

Rio de Janeiro: FGV, 2001, 267 p.

Não temos no Brasil, em particular no mundo acadêmico, o hábito de prestar homenagem aos vivos. Uma espécie de pudor nos impede de declarar em alto e bom tom o quanto admiramos um autor ou a sua obra. Preferimos no geral nos dirigirmos aos mortos, pois estes já não podem mais acrescentar algo de vergonhoso às suas biografias e, assim, não tornará o nosso elogio passível de ser contestado. Se em alguns momentos assumimos claramente o gerúndio como a nossa forma verbal favorita (estou fazendo, estou indo, estou acontecendo), em outros o verbo definitivo é preferível, pois ele atesta o status do já imutável (ele foi, ele era) especialmente quando nos referimos a terceiros. Nos defendemos antecipadamente da possibilidade de que tenhamos sido enganados, ingênuos ou simplesmente inocentes... ou ainda, evitamos a pecha de puxa-saco, discípulo deslumbrado ou de prestar culto à personalidade. Brindamos no privado, no espaço amigo, mas devemos ter reservas aos elogios no espaço público...

O livro organizado por Gomes, Barbosa e Drummond não tem felizmente a marca desses receios. Ele homenageia Roberto DaMatta e sua obra, particularmente os 20 anos da 1<sup>a</sup>. edição (1979) de *Carnavais, Malandros e Heróis*, hoje em 6<sup>a</sup>. edição e com um incontestável certificado de sucesso de público e crítica especializada. Referência obrigatória em cursos de Ciências Sociais, notadamente na Antropologia, DaMatta é um nome reputado, responsável por uma análise inovadora, um olhar curioso e respeitoso sobre as “coisas” do Brasil. Senhor de um estilo ensaísta provocador, fugiu das abordagens convencionais que analisava o Brasil e a cultura brasileira com o viés de uma antropologia eurocêntrica e dicotômica, reivindicando uma antropologia que levasse em consideração aquilo que o nosso cotidiano e a nossa vida vivida entre nós representava. Essa reivindicação não negou a herança de outras contribuições na área, mas questionou e problematizou o olhar que não nos olhava como éramos e como somos. DaMatta ousou pensar em outro código que pudesse nos ajudar a nos decifrar e a nos entender como somos e não “como cópia de qualquer um outro” como diria Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro*, alguns anos depois. Certamente uma postura tal não passou impune e nem foi recebida com o calor de aplausos à época, pois, não raro, este livro provocou fortes incômodos em seus resenhistas, como bem retrata a introdução do livro em epígrafe.

Li *Carnavais, Malandros e Heróis* (CMH) pela primeira vez em 1987, no decorrer de meu curso de mestrado em Administração da Empresas, na EAESP/FGV. Fui surpreendida pelo reconhecimento de uma grande familiaridade com que o autor descrevia não apenas como alguns dos jeitos brasileiros de ser, mas fundamentalmente nas linhas e entrelinhas que analisavam esses jeitos, essas passagens sinuosas de uma situação à outra. Me reconheci na inversão do carnaval, nas paradas militares do 7 de setembro, no imaginário autoritário brasileiro expresso no “*você sabe com quem está falando?*” e no lugar do meio, do intermediário: nem sim nem não, mas talvez ou depende. Me vi nas noções de indivíduo e de pessoa e nas distinções entre o mundo da casa e da rua. Sobretudo me vi e me vejo como

parte de um povo que recusa a se decidir entre A ou B, sem considerar que também pode optar por A e B. Essa possibilidade fabulosa que agrega, que soma, que mistura e que cria uma outra alternativa ao confronto ou à fuga.

O livro-homenagem é uma coletânea escrita por 13 colegas e ex-alunos de DaMatta, sendo composto de 3 partes e uma introdução, que faz um resgate da importância da obra do autor; recupera a receptividade que livro teve no seu lançamento em 1979, cenário marcado pelo fim do período militar no Brasil e pela disputa de hegemonia acadêmica nas Ciências Sociais entre marxistas e não-marxistas e, o lugar pouco significativo que representava um estudo sobre “cultura brasileira”. Na primeira parte estão os artigos que homenageiam o autor e sua obra, explorando criticamente aspectos teóricos, metodológicos e estilísticos contidos em CMH; neste grupo estão: Roque de Barros Laraia, Roberto Cardoso de Oliveira, Livia Barbosa, Valter Sinder, Amir Geiger e Otávio Velho. Na segunda parte, constam artigos derivados de trabalhos inspirados na obra de DaMatta, assinados por David Heiss, Roberto Kant de Lima, Maria Laura V.C.Cavalcanti, Everaldo Rocha, Eliane Cantarino O’Drayer e Laura Graziela Gomes. São textos que se complementam e que dialogam entre si. A escrita de cada autor deixa transparecer o orgulho de ter sido, em algum momento de sua trajetória, ex-aluno, ex-orientando e colega. Todos reconhecem o benefício que a fertilidade aberta por CMH e outros trabalhos de DaMatta lhes inspiraram, bem como uma convivência amigável e pessoal em alguns casos. A 3ª parte é uma detalhada bibliografia, quase um mural, da obra de DaMatta, que foi elaborada por ele próprio, com textos a partir de 1963.

Usando a própria referência Damattiana podemos dizer que o livro faz o casamento entre o indivíduo e a pessoa, entre o mundo da casa e da rua. Quero dizer com isso que uma homenagem acadêmica tem o seu lado solene, metódico, organizacional e impessoal na medida que lê criticamente um autor; mas ela também comporta a expressão do afeto, da proximidade, do reconhecimento da gratidão e do carinho que se pode manifestar por um professor, um orientador, um colega e um amigo. A regra da rua vai dar conta da legitimidade que os seus pares, no caso todos os autores são altamente titulados academicamente em Antropologia, atestam à obra do autor homenageado. A regra da casa vai dizer que o afeto e a intimidade não invalidam nem a homenagem feita, nem a obra feita, nem o sujeito que a merece e nem o objeto que cada autor elege.

Falando especificamente em relação aos cursos de Administração de Empresas, a obra de DaMatta é hoje também uma referência obrigatória a todos que desejam desenvolver uma visão mais aprofundada e uma sensibilidade maior às questões culturais brasileiras, pois as organizações estão sempre inseridas num contexto cultural nacional, regional ou local que merece ser considerado. O Brasil é um grande celeiro de empresas multinacionais, que certamente difere do contexto de origem dessas empresas. Esquecer ou negligenciar este aspecto tem se revelado um fator de insucesso para muitas delas, mesmo se considerarmos apenas o lado pragmático da questão.

Sem dúvida para nós, brasileiros, é importante e vital compreendermos melhor o que “faz o Brasil, Brasil” e como a lógica que preside os mecanismos internos da nossa própria sociedade abre possibilidades de mudança e de renovação, sem contrariar aquilo que é próprio da nossa natureza, mas explorando a generosidade e os desafios que esta nossa natureza mista, ambígua, intermediária, sinuosa, plástica e complexa nos colocam. Assumir o contrário, o diferente e a contradição existentes na cultura e na sociedade brasileira pode significar mais e não menos o desenvolvimento de um saber sociológico compreensivo fundado no cotidiano das nossas relações, na nossa forma de pensar e agir individual e coletivamente. Assim como DaMatta, também reivindico o direito de uma análise cultural brasileira por uma antropologia que dê conta do nosso diverso, que não é exterior a nós, mas parte de nós, porém que não descarta *a priori* nenhuma outra possibilidade oferecida por um campo de

conhecimento interdisciplinar e dinâmico, que comporta brechas, interstícios, margens e centros. Neste sentido, *Dona Flor e seus 2 maridos* faz todo o sentido do mundo: o direito de não escolher entre eles, mas o de ficar com os 2!

“*O Brasil não é para principiantes*”, frase atribuída a Antonio Carlos Jobim e de gosto de DaMatta, é um convite à descoberta de suas várias faces; é também uma exaltação na medida em que sugere a complexidade como elemento essencialmente positivo; é, ainda, a afirmação de um auto-reconhecimento que revela armadilhas para os neófitos e que dispensa a análise simplista, afinal “*quem você pensa que é, que não vê com quem está falando????*”

Parabéns aos organizadores pela coragem de bater palmas para quem merece e, mais, por fazer isso em vida.

---

\* Resenha dedicada à memória do Profº Fernando C. Prestes Motta.